



Carmen M.S.F. Piloto

POESIA & VERSO

Coordenação do Grupo Oficina Literária de Piracicaba
<http://globo-piracicaba.blogspot.com>
RESPONSÁVEIS PELA PÁGINA: Ivana Maria França de Negri - ivanamfn@yahoo.com.br
Carmen M.S.F. Piloto - carmenpiloto2@gmail.com



Ivana Maria França de Negri

Ano XXIII - N° 1156

PROSA

O MENINO DOS MEUS OLHOS

Fernando Trevisolli de Brito

"poço desse mundo inverso
onde o esquerdo é que é o direito,
onde as sombras são os corpos,
e à noite ninguém se deita,
e o céu é raso como o oceano
é profundo, e tu me amas."
-Elizabeth Bishop, *Insônia*

Sonolência, cabeça no banco de ferro pichado com letras inteligíveis... Olho para trás, estou perdido entre as dunas do deserto da minha mente, e ali: eu me lembrei que um dia eu fui algo. Mesmo antes da chuva, Antes da Lua. Antes do ventre de minha mãe. Do sabor doce das amoras do silo dos meus avós. De pegar o costume de falar puxando o "r". Antes da luz do sol iluminar os olhos do meu primeiro amor. Do meu segundo. Do meu último. E de todos os que ainda estão por vir... sei que uma vez eu fui dor. Da cabeça aos pés. Outra, eu fui amor. Da cabeça aos pés. Desconfio que eu já fui coisas que nunca imaginei que um dia eu poderia ter sido. Eu nasci no seio. Eu nasci no mar. Eu nasci em um bar. Eu nasci em um país devastado pela falta do pão e pela indiferença dos reis. Em uma jangada de devaneios em meio a uma tempestade de verão. Diante dos livros de escritores esquecidos pelos anos, se é que alguma vez foram lembrados... Revoluções do cotidiano. Silenciosas. Repentinamente, como são as revoluções conseguem ser... No passado, eu sentia os dedos do meu pai nos meus cabelos lisos de criança. Eu sentia a dor da perda todas as vezes que ele os tirava. Com o tempo, ondas começaram a se formar na minha cabeça. As mechas já não eram mais lisas, e nem existiam mais os dedos do meu pai para me manterem protegido. Minhas íris perderam seus tons de azul que possuíam na infância. Agora, restam furacões castanhos que destroem tudo ao redor. tsunamis de uma beleza arrebatadora. Que só pode ser compreendida pelos mais atentos. Por aqueles que estão distraídos... E em meio àquele caos. Em meio àquele solidão. Aquele desconforto que ardia mais a barriga que a bebida barata que meus amigos compravam quando adolescentes. Eu entendi que eu nunca desejei o impossível. Chegar a lugares que sangram ouro. A única coisa que um dia pude desejar é voar para longe desse deserto. Ter calma de uma tarde de domingo. Sentir o gosto das páginas amareladas de uma biblioteca municipal. Recitar uma poesia. Engasgar-me com uma piada ruim. Respirar o ar poluído de uma metrópole. Respirar as samambaias da minha varanda. Aprender que ser feliz é estar submerso, pois somente assim, e apenas assim, podemos entender que minutos são palavras inventadas para limitarmos a imensidão do universo azul. E, finalmente, olhar para baixo e ver os carros passando. Assim como a vida que passa... esquecer tudo e ser esquecido para (talvez) tirar essa saudade do meu peito nu. Porque com ela, mal consigo escrever em versos. Tenho muito a dizer, a prosa se tornou o meu único vocabulário, melas-palavras não bastam! Tenho muito a gritar! A berrar desesperadamente! Mesmo tudo isso não significando nada a ninguém... no fim, só o menino dos meus olhos pode me salvar a saudade. Da minha sina de a sentir. Ele me cura dela. Mesmo eu não querendo ser curado. Ele me obriga a entender que não há volta, nem escapatória e que a única maneira de sermos felizes é seguirmos em frente. Mesmo eu não querendo entender essas coisas. Ele me agarra firmemente no chão, salvando-me da tempestade de areia. Mesmo eu não querendo ser salvo. O menino dos meus olhos brinca comigo nos meus sonhos e faz escorrer uma maré de sal da sua casa, derretendo minhas faces de açúcar... Ele é uma estranha lembrança do que um dia eu fui, do que eu ainda ser e de tudo aquilo que eu poderia ter sido, mas tive medo de ser... Olho para trás mais uma vez, ele está lá misturando-se com a areia, tornando-se cada vez menor, até desaparecer... Silêncio. O nada. Acorde... Pessoas esperando o ônibus amarelo da cidade passar pela avenida. Realidades cinzas, recheadas pela falta... Desertos particulares, meninos e meninas em cada olhar, em todos os olhos daqueles que eu chegamos na casa, só lembro que a propaganda de um concurso de poesia sobre a saudade... Estranhos mistérios do melo-dia.

(Primeiro Lugar Crônica 18-30 anos do Concurso Viajando na Leitura)



ooOoo

A CASA

Richardson Jorge Dias da Silva

A casa foi vendida!
Faltava pouco mais de 2 horas para a virada do natal quando minha mãe mandou essa mensagem pelo WhatsApp, a frase era simples, curta, direta e animadora. Fizemos um brinde com um vinho barato e ruim, eu e minha esposa não compartilhamos com os outros convidados o motivo da nossa comemoração. Começar o ano com um dinheiro extra é um dos deleites da vida adulta, mas a minha animação durou exatamente até a meia noite, quando o relógio marcou o primeiro segundo do dia 25 e os fogos começaram a funcionar e o céu e romper o silêncio da rua, eu comecei a chorar lembrando da casa.
A casa era simplesmente o lugar onde vivi minha infância, adolescência e boa parte da minha juventude, ela fora testemunha e cúmplice da intimidade da família Campos, uma família pequena e discreta. Não lembro exatamente o primeiro dia em que chegamos na casa, só lembro que no começo ela era muito pequena, e todos da família dormiam juntos no único quarto que havia. Com o passar dos anos a casa foi aumentando, parecia que ela estava sempre em obras, inclusive foi de um pedreiro que trabalhou um tempo nessas obras que ganhei o primeiro livro da minha vida, ele me deu o *Matchado de Assis* que ele sempre lia no seu intervalo do almoço. Ainda recordo da última vez que ouvi o som da risada do meu pai ecoando pela casa, depois disso virei o "coitado ele é órfão de pai!". Sempre jantávamos juntos e depois assistíamos todas as telenovelas da noite, os sábados eram os dias de faxinas, sempre movidas ao som de Raül Seixas. Tínhamos permissão para brincar na rua com as outras crianças, porém quando acabava a novela das 22 horas e minha mãe colocava a cabeça na janela, era hora de voltar para casa. Na adolescência nossa casa era a única do bairro que tinha vídeo cassete, consequentemente ela virou nosso *QG* de dentro de casa. Fitas alugadas na locadora, pipoca, pouco artificial de pacote e vários adolescentes barulhentos. Na juventude a casa virou o antro da nossa galera, era o único lugar onde podíamos fazer nossas festas, marcar os nossos encontros e organizar nossas baunças musicais que chamávamos de ensaios da banda. O tempo, como um rio, continuava seguindo em frente, veio meu primeiro sobrinho, imbecando, outra irmã saindo de casa e por último eu indo dividir um apartamento com a irmã mais nova. A casa foi ficando cada vez mais vazia, só a nossa mãe ainda morava lá, até que a nossa avó ficou muito doente e a mãe precisou se mudar para cuidar da velhinha. O vazio, a escuridão e o silêncio tomaram conta da casa, eram as últimas linhas da história da família Campos escritas naquele sagrado lar.
Lembranças não cabem dentro de um caminhar, então fizemos uma última foto de família na porta da casa para quando a saudades apertar o coração. Afinal, sabemos que a vida é uma eterna viagem de volta para casa.

VERSO

APÓS À TEMPESTADE (EM TEMPO DE PÓS-PANDEMIA)

Leda Coletti

Num mundo de incerteza e confusões
As pessoas se tornam presas fáceis
De situações ambíguas de emoções,
As vezes agressivas, outras dóceis.

As conseguir sair desses senões,
Sentem-se cada vez mais fortes, úteis
A alegria retorna aos corações,
Vê antigos valores como fúteis.

Emergem o irmão com mais amor,
Priorizam o bom, dão real valor
A alegria retorna aos corações,
Vê antigos valores como fúteis.

O equilíbrio lhes traz a temperança,
Vivem o bem, acolhem só bonança,
Testemunham verdades fraternais.



ooOoo

DÉDALO

Victor Alves Pereira

Não é toa a essa vida cá corrente,
por mais que tanto me valha e seja boa,
faltam asas como as do tempo que voa
pra voltar ao que foi antes meu presente.

Falta o sorriso na cara, E eu, carente,
me lembro de quando rei fui sem coroa.
Me sobra um péssimo espaço na pessoa
-> um braço que esmaga o coração da gente.

Saúdo a saudade como a um velho amigo,
Do que tinha e já não tenho ao fim do dia;
porém, por instinto, isso apenas digo.

Ariadne! Puxa o fio do labirinto,
esse cordão preso à mãe como o d'umbigo,
e arranca-me das paredes do que sinto.

(Primeiro Lugar Poesia 18-30 anos do Concurso Viajando na Leitura)



CANTINHO INFANTIL

Dicas de livros de Alessandra e Tiago Guarnieri Betti
Visite o Bloguinho Infantil
<http://bloguinho-infantil.blogspot.com/>
Siga no Instagram:
Livros Inesquecíveis
Siga no Instagram:
Projeto Livro com Pezinhos



Atrás da Porta de Ruth Rocha conta a história de Pedrinho, que tinha uma avó contadora de histórias encantadora. Infelizmente, ela morreu e foi morar no céu, e Pedrinho não via mais nenhum encanto nos livros. Um dia, ele entrou no quarto que era da sua avó e descobriu uma porta que dava passagem para um lugar mágico, onde além de uma linda foto de sua avó havia também, aqueles maravilhosos livros que ela lia para ele. Então, todas as noites, quando todos dormiam, lá ia ele. O segredo foi compartilhado com seu melhor amigo, e espalhado rapidamente, todos queriam conhecer esse lugar mágico que ficava atrás da porta. O final é maravilhoso. Recomendamos.
Faixa etária: 08 a 12 anos
Encontramos essa linda história narrada em: <https://youtu.be/18K1fB4-vw>



DOCE DE MAMÃO COM LEITE

Valdemir Henrique Policer

Minha avó,
de pé ante o fogão a lenha,
a mexer com sua colher de pau,
o doce:
com seu lenço a cobrir-lhe a sabedoria,
seu avental a atribuir-lhe autoridade.
Para minha visão pueril,
era uma feiticeira disfarçada de avó,
a preparar uma poção mágica
em seu caldeirão encantado.

Ela jogava no seu caldeirão
mamão, açúcar, cravo e leite:
mexia ritmicamente aquela receita infalível,
círculos perfeitos,
ora a esquerda,
ora à direita,
Parecia balbuciar,
enquanto mexia,
algum feitiço secreto;
para mim,
era tudo um rito.

Veiz ou outra,
me fitava e sorria,
eu,
clavo,
retribuis.

O fogo crepitava,
parecia dialogar com ela,
algum idioma perdido,
dos druidas,
dos alquimistas.

E o doce ia ganhando forma,
lá apurando, decantando.
O fogo ia crepitando,
a colher de pau girando,
minha avó murmurando
um feitiço ou oração.

Ah! aquele doce mágico
morreu com ela;
nunca mais provei igual.

Por isso,
hoje tenho certeza,
Minha avó não cozia doce,
ela cozia poesia.

(Primeiro lugar Poesia acima 30 anos do Concurso Viajando na Leitura)



NOTÍCIAS:

Viajando na Leitura
Convite
O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e a Academia Piracicabana de Letras convidam V. Selo para participar do evento de encerramento do *Viajando na Leitura* e entrega dos prêmios para os participantes do Concurso Literário.
Data: 24/02/2023 - sábado
Horário: 19h
Local: Colégio Objetivo
Endereço: Av. Prof. Alberto Walter Sachs, 2400
Piracicaba - São Paulo

PALAVRA DO ESCRITOR:

"O presente impõe formas. Sair dessa esfera e produzir outras formas constitui a criatividade."
Hugo Von Hofmannsthal

Hugo Laurenz August Hofmann, Edler von Hofmannsthal, foi um escritor e dramaturgo austríaco e um dos instituidores do Festival de Salzburgo.
Nascimento: 1 de fevereiro de 1874, Landstraße, Viena, Áustria
Falecimento: 15 de julho de 1929, Rodan, Áustria
Fonte: Wikipédia